



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em conjunto com o Primeiro-Ministro da Itália, Silvio Berlusconi

Roma-Itália, 11 de novembro de 2008

Meu caro amigo Sílvio Berlusconi, Presidente do Conselho de Ministros da República italiana,

Senhores ministros da República italiana,

Companheiros ministros brasileiros,

Nossos queridos jogadores – eu quero agradecer, Berlusconi, a bela surpresa, porque para ver todos eles juntos eu teria que vir a Milão ver um jogo do Milan e você me presenteou trazendo o Leonardo, o Kaká, o Emerson, o Dida, o Alexandre Pato e o Ronaldinho de uma só vez aqui. Ou seja, na verdade você contratou a metade da Seleção brasileira, espero que quando devolvê-los, eles estejam jogando um bom futebol ainda.

Bem, meus amigos e minhas amigas, eu tenho uma declaração de imprensa mas vou deixar de lado, para falar da minha alegria de estar fazendo esta visita de Estado à Itália.

Os italianos descobriram o Brasil no século XIX, e em 1875 chegavam os primeiros italianos no nosso querido território. Muitos foram para o Rio Grande do Sul, na terra do Ronaldinho; muitos foram para o Paraná, na terra do Alexandre Pato; muitos ficaram em São Paulo, na terra do Kaká, e poucos foram a Pernambuco, na minha terra, porque os italianos tinham saído daqui também por causa da pobreza e não iam a um estado pobre como o meu, então preferiram procurar os estados com mais possibilidade de desenvolvimento.

De lá para cá, os italianos contribuíram muito com a cultura, com a



política e com o desenvolvimento do nosso país. Eu penso que, hoje, os 30 milhões de descendentes de italianos que moram no Brasil – dentre os quais a minha esposa, que é resultado do casamento da família Rocco com a família Casa, aqui da Itália – permitiram que eu pudesse hoje dizer ao primeiro-ministro Berlusconi que Brasil e Itália têm muito, mas muito, para trabalhar juntos e muito, eu diria, de quase que irmandade.

O Brasil tem tanto italiano que tem até um time que foi criado, o chamado Palestra Itália, que hoje chama-se Palmeiras, mas era Palestra Itália, em que grande parte da torcida é de descendentes de italianos, fanáticos contra o meu Corinthians. Fanáticos!

Bem, eu descobri a Itália mais tarde. Depois de ser cassado no Sindicato de São Bernardo, por conta de uma greve, eu vim pela primeira vez à Itália em 1980, em busca de solidariedade. E aqui, com a (inaudível), com a UIL, com a CGIL, eu encontrei a solidariedade de que precisava. Aqui, em janeiro de 1980, eu me encontrei com o Walessa, que depois virou presidente da Polônia e também estava aqui num convento em que eu tive a oportunidade de visitá-lo.

Desse momento até agora, a nossa relação com a Itália – a minha, pessoalmente – é cada vez mais forte. E eu penso que agora, como Presidente da República do meu país, que o Estado italiano e o Estado brasileiro precisam compreender que nós temos condições de ter uma relação infinitamente mais forte.

O fluxo de balança comercial entre o Brasil e a Itália hoje é por volta de US\$ 8 bilhões. Há uma estimativa de que poderemos chegar a US\$ 10 bilhões até o final do ano. Ainda é pouco, porque o potencial de desenvolvimento da Itália e o potencial de desenvolvimento do Brasil estão a exigir de nós mais competência dos nossos empresários, dos nossos ministros, dos nossos dirigentes, para que Itália e Brasil tenham um fluxo na balança comercial infinitamente mais forte. E também do ponto de vista cultural. O primeiro-ministro Berlusconi é um amante da música brasileira. Diz ele que foi até



compositor de Bossa Nova aqui na Itália.

A verdade é que nós, brasileiros, sabemos o sucesso que fez a música italiana – e que faz ainda – sobretudo nos anos 60, em que a gente ouvia mais música italiana do que música brasileira no Brasil. Todo mundo aqui sabe o sucesso que significou o Pavarotti popularizar a música erudita, levando gente pobre do Brasil a gostar de um tipo de música que até então parecia que só os ricos gostavam.

Tudo isso, meu caro Primeiro-Ministro, faz com que a minha e a sua responsabilidade aumentem em relação aos nossos povos. Os acordos aqui firmados são importantes. O primeiro-ministro Berlusconi, Celso, me dizia: “Presidente, é preciso colocar alguém da Presidência para acompanhar, e eu colocar alguém meu para acompanhar, porque esses acordos a gente assina e depois as pessoas esquecem”. Eu penso que não. Eu penso que a Itália é tão importante para o Brasil e o Brasil é tão importante para a Itália que nós não temos o direito de esquecer os documentos que nós assinamos e os compromissos que firmamos aqui hoje.

Eu vim para a Itália com uma delegação de 90 empresários brasileiros – vou ter um encontro agora com a Confindustria – e queremos não apenas discutir investimentos italianos no Brasil, que já são muitos, mas discutir parcerias entre empresas italianas e empresas brasileiras para que haja investimentos lá e que haja investimentos aqui na Itália também. Com essa crise econômica que o FMI não tem solução, com essa crise econômica que o sistema financeiro não tem solução, vai depender de os dirigentes políticos encontrarem uma solução para orientar o sistema financeiro sobre o que fazer daqui para a frente.

Com essa crise, o Estado volta a ter um papel importante. No caso do Brasil, nós temos previstos, até 2010, investimentos da ordem de US\$ 250 bilhões: investimentos em ferrovia, investimentos em trem-bala, investimentos em hidrelétrica, investimentos em rodovia. Obviamente, nós queremos convidar



os empresários italianos a construírem parcerias com os empresários brasileiros para que a gente possa fazer mais investimentos, porque para combater essa crise causada pela especulação financeira nós precisamos de mais comércio, de mais investimento, de mais emprego.

Eu penso que o Estado – tanto a Itália quanto o Brasil, os Estados Unidos e a França – é que vai ter que colocar dinheiro para que a gente possa restabelecer a normalidade do funcionamento do sistema financeiro no mundo. Até porque dinheiro tem, não sabemos onde está ainda, mas precisamos colocar liquidez no sistema financeiro para que possa fluir o dinheiro, para as indústrias tomarem emprestado, produzirem e gerarem emprego, gerar salário, gerar consumo, o que gera uma economia produtiva e sadia.

Nós vamos a Washington no próximo sábado, 20 países – 21 agora, com o convite ao Egito – e, certamente, não temos as soluções. Certamente nenhum país ainda tem solução e, possivelmente, não sejam os 20 países que vão encontrar a solução numa única reunião. É preciso que a gente tenha outras reuniões, que a gente coloque os nossos ministros, os nossos presidentes de bancos centrais, os nossos economistas a discutirem uma saída, porque a saída tem que ser global. E essa saída global exige que a gente também comece a pensar em mudança nas instituições multilaterais, que perderam muita representatividade nos últimos anos.

Portanto eu saio daqui, meu caro amigo Primeiro-Ministro, com a sensação de que Deus sempre escreveu certo por linhas tortas. Tem uma crise econômica causada, sobretudo, pelo *subprime* americano. São mais de 400 mil pessoas que já perderam a casa e outros milhões que vão perder se não pagarem. E foi eleito um novo presidente. Eu acho extraordinário que os Estados Unidos tenham eleito um negro para a Presidência da República. Um feito inusitado. Para mim, eu comparo à eleição do Mandela na África do Sul, ou seja, quando os negros descobriram que eram maioria, o Mandela teve



liberdade e o povo pôde se expressar, Mandela mudou a história da África do Sul.

Eu acho que o Obama tem uma oportunidade extraordinária de mudar um pouco a história dos Estados Unidos. E ele vai ter um teste extraordinário, que começa com uma crise que não é pequena. Só para vocês terem idéia, a crise russa, a crise asiática e a crise mexicana, no final dos anos 90, as três crises juntas - russa, asiática e mexicana - envolveram um aporte de 200 bilhões de dólares. O Brasil quebrou duas vezes. Esta já ultrapassa quatro trilhões de dólares e o Brasil não quebrou nenhuma vez. Estamos seguros de que o Brasil vai atravessar esta crise numa situação muito sólida. Pela primeira vez o Brasil é credor externo, não é devedor. Passamos 20 anos devendo e agora somos credores. Temos mais reservas do que a nossa dívida. Temos uma dívida pública muito pequena, apenas 37% do nosso PIB significa a nossa dívida pública, e temos muito a fazer em nível de infra-estrutura.

Com a graça de Deus, descobrimos petróleo em alto-mar, na camada pré-sal, a 7 mil metros de profundidade. Já fiquei sabendo que os jogadores são todos acionistas da Petrobras. A Petrobras agradece. A partir do próximo ano, se Deus quiser, já começaremos a fazer a exploração do petróleo na camada pré-sal e, quem sabe, até o final do ano que vem já iremos explorar de forma comercial. Nós não vamos ser exportadores de petróleo cru, nós queremos fazer e colocar valor agregado ao nosso petróleo. Portanto, estamos construindo.... A última refinaria, Primeiro-Ministro, construída no Brasil foi em 1980. Portanto, faz 28 anos que foi construída a última refinaria. Nós vamos construir cinco novas refinarias, uma de 600 mil barris/dia no estado do Maranhão, com investimento de 19 bilhões de dólares; uma no Ceará, de 300 mil barris/dia, com investimento de 11 bilhões de dólares; uma em Pernambuco, de 200 mil barris/dia, com 7 bilhões de dólares; uma no Rio Grande do Norte, de 70 mil barris/dia; e a outra, o Pólo Petroquímico do Estado do Rio de Janeiro, com 9 bilhões de dólares de investimento.



E nós queremos exportar gasolina premium para a Itália, queremos exportar gasolina premium para os Estados Unidos, para fazer avançar a nossa balança comercial. É este país que vai enfrentar esta crise. E é este país que está seguro de que certamente poderemos ter alguns problemas na crise, mas certamente vamos enfrentar esta crise fazendo investimentos, gerando empregos e gerando oportunidades. O Brasil passou 20 anos sem crescer. De 1980 a 2002, a economia brasileira teve um crescimento muito pequeno. Somente a partir de agora é que nós começamos a crescer. Meu caro Primeiro-Ministro, de janeiro a setembro deste ano, nós criamos 2 milhões e 97 mil empregos formais no Brasil. É mais do que foi criado em décadas no Brasil. Nós vamos trabalhar com muito carinho, vamos trabalhar com muita humildade, vamos trabalhar com muita perseverança para que a gente não permita que o Brasil sofra retrocessos.

E queremos construir essa possibilidade do Brasil com a Itália, que tem muito a contribuir na nossa relação, no nosso desenvolvimento. E quero lhe agradecer, de coração, o carinho com que fui recebido aqui na Itália, o tratamento excepcional, a massa extraordinária que eu comi, e os nossos queridos meninos de ouro da Seleção Brasileira.

Obrigado.

Jornalista: Presidente Lula, o senhor disse que não espera que soluções saiam do encontro do G-20. Mas qual seria o resultado mínimo que esse encontro deve ter para que haja credibilidade?

Presidente: Quando, com muita cautela, eu digo que a reunião do G-20 não vai definir as soluções para o problema da crise, é porque seria quase impossível que, num primeiro encontro, nós nos colocássemos de acordo com tantos problemas divergentes que nós temos.



Em uma coisa nós temos consenso: o sistema financeiro tem que ganhar dinheiro investindo no setor produtivo e não na especulação. Daí, a segunda conclusão é de que é preciso haver transparência e regulação no sistema financeiro. A vida de cada cidadão na Itália, no Brasil e no mundo é regulada, nós temos direitos e temos deveres. Não é possível que o sistema financeiro cause a crise que criou, da forma mais irresponsável possível, e depois seja o Estado que tenha que colocar dinheiro para salvar o sistema financeiro. É preciso mais responsabilidade de todos.

Obviamente, cada um vai chegar lá com as suas propostas, colocar na mesa e, a partir daí, nós vamos construir uma proposta que tem que ser global, porque também precisamos tomar cuidado, já que o mundo está globalizado não existe possibilidade das saídas individualizadas sem causar prejuízo a outros países. Quando um país for tomar posição, ele tem que saber se aquilo vai implicar em prejuízo a outros países que têm relações com o país que tomou a posição.

Eu estou otimista com essa reunião, não porque sairemos de lá com tudo pronto, não, mas porque sairemos de lá com a certeza de que será através de decisões políticas que a gente vai resolver o problema causado na especulação que causou essa crise financeira.

Talvez Itália e Brasil não tenham problema, porque o Brasil não teve o sistema financeiro metido no *subprime*. Mas nós sabemos que quando uma economia como a americana entra em recessão, há reflexo em todos os países do mundo, porque é a maior economia do mundo. Pode haver reflexo na Itália, pode haver reflexo no Brasil, pode haver reflexo na Argentina. O que nós precisamos é trabalhar para que esses reflexos sejam os menores possíveis.

No caso do Brasil, nós tínhamos uma relação, oito anos atrás, de quase 30% da nossa balança comercial com os Estados Unidos. Hoje temos apenas 14%. Entretanto, com a Itália nós tínhamos 4 bilhões, e hoje nós temos 8 bilhões. Nós diversificamos a nossa balança comercial e hoje nós somos



menos dependentes de um país ou de um bloco, e certamente sofreremos menos do que um país que depende muito de outro que está em crise.

Eu tenho uma idéia de que a solução para essa crise é mais investimento, mais produção, mais emprego, e evitar a crise do pânico. O que é a crise do pânico? Dependendo de como essa crise é veiculada nos meios de comunicação todos os dias, o que vai acontecer? O Ronaldinho, que queria comprar um carro, não vai comprar mais. O Kaká, que queria comprar outro, não vai comprar mais. Outro que queria comprar uma geladeira – o Dida, que está tomando água quente e queria comprar uma geladeira –, não vai comprar a geladeira. Na hora em que todo mundo ficar com medo de comprar, aí começa a crise na economia real, porque não há produção industrial, não há compra, não há venda no comércio, não há consumo, e aí nós entramos em crise. É isso que nós precisamos evitar. Eu acho que essa reunião vai ser extraordinária, não só porque vai decidir que a decisão é política, mas vai passar para a sociedade um otimismo da responsabilidade que os dirigentes políticos vão assumir nessa reunião.

Jornalista: (em espanhol)

Presidente: Mais ou menos eu já respondi a pergunta feita por nossa querida jornalista italiana quando respondi a pergunta da jornalista brasileira.

Nós temos um conjunto de propostas a serem levadas para a reunião do G-20. Na última semana, no Brasil, reuniram-se os presidentes dos bancos centrais do G-20 mais os ministros da Fazenda e da Economia do G-20 e formulamos um leque de propostas a serem levadas ao G-20. Pelo que tenho conversado e ouvido, o Gordon Brown deve ter propostas para levar. A União Européia deve ter construído um conjunto de propostas para levar.

Acontece que a reunião do sábado será a primeira. Cada presidente terá, no máximo, sete minutos para falar e depois, no almoço, cada presidente



terá, no máximo, três minutos para falar. Eu acho que com tão pouco tempo, o máximo que nós podemos fazer é formular as propostas, mas aí é preciso colocar os nossos ministros, os nossos assessores para sistematizar aquilo que pode ser uma tomada de posição dos presidentes e dos primeiros-ministros dos países.

Então, eu penso que vai ser assim a reunião. E eu penso que dentro de algum tempo nós voltaremos a nos reunir, e aí vamos formular um conjunto de propostas de, por exemplo, como é que vai funcionar o sistema financeiro, que tipo de regulação vai ter o sistema financeiro, se um banco de desenvolvimento pode alavancar o quanto puder, sem nenhuma responsabilidade.

No Brasil, um banco de investimentos pode alavancar apenas 10 vezes o seu patrimônio líquido. Nos Estados Unidos, 35 vezes, e teve banco que alavancou até 90 vezes. Ou seja, não é possível alguém querer ganhar tanto dinheiro sem produzir um copo, sem produzir uma caneta, sem produzir nada. É preciso que a lógica do dinheiro gere um produto, que gere um posto de trabalho, que gere um salário e que gere riqueza.

Eu penso que essa discussão vai acontecer. Uma coisa eu posso te afirmar, sem ter combinado com o primeiro-ministro Berlusconi: essa crise deve servir de oportunidade para a gente corrigir as coisas erradas que aconteceram até a crise. Sobretudo, fortalecer as instituições multilaterais, porque no mundo globalizado é preciso ter fórum sério e representativo para tomar decisões globais.

E quero agradecer ao primeiro-ministro Berlusconi por reconhecer que apenas o G-8 já não dá mais essa resposta e que é preciso envolver outros países, de outros continentes, para que as decisões sejam mais democráticas, mais plurais e muito mais amplas.

(\$31FGJLMQ)